

QUANDO AS AULAS VOLTAREM NÃO QUERO QUE TENHA “AULA”¹

Tatiana Lebedeff²



A suspensão das aulas na minha instituição, e na escola de meu filho, iniciou-se no dia 16 de março. Duas semanas após a suspensão e ainda sem termos previsão de volta, algumas mães estavam questionando a escola com relação à recuperação das aulas, o que seria feito no contraturno, quais os dias de recuperação etc. Eu estava preocupada com a saúde mental do meu filho e das outras crianças e não acreditei no que li e ouvi no WhatsApp. Quatro meses depois da publicação percebo que não aprendemos muita coisa com tudo o que está acontecendo

Recebi, semana passada, um convite para publicar na *Revista Adusp* um texto meu, originalmente publicado no Facebook. Junto com o convite veio a pergunta/possibilidade de editar ou revisar o texto. Em um primeiro momento quase respondi que não precisava editá-lo. E não precisa mesmo, não mudaria nem uma vírgula nele. Mas quis adicionar estes parágrafos iniciais, com a finalidade de contextualizar, explicitar as condições nas quais o texto foi escrito.

A suspensão das aulas na minha instituição, e na escola de meu filho, iniciou-se no dia 16 de março. Duas semanas após a suspensão e ainda sem termos previsão de volta, algumas mães estavam questionando a escola com relação à recuperação das aulas, o que seria feito no contraturno, quais os dias de recuperação etc. Eu estava preocupada com a saúde mental do meu filho e das outras crianças e não acreditei no que li e ouvi no WhatsApp. Estávamos mais de 15 dias isolados, com rotinas totalmente diferentes, afetos distantes, totalmente inseguros com relação aos dias que estavam por vir. As pessoas na minha bolha estavam preocupadas com conteúdos e nota. Eu chorei muito quando escrevi o texto e, ainda choro quando o releio, porque ele ainda reflete nosso dia a dia.

Quatro meses depois da publicação percebo que não aprendemos muita coisa com tudo o que está acontecendo. Professores tiveram as salas de aula e suas intimidades domiciliares devassadas por inúmeros olhos e ouvidos, ninguém pede permissão para entrar. Na minha bolha, que é muito estranha, uma mãe reclamou que a professora de inglês não tem sotaque britânico. Outra estava indignada que a professora não sabia que o correto é “um grama”, não “uma grama”. Enquanto isso, o vírus as-

sume, no gráfico, uma silhueta de “chapadão”, não é mais pico. Festas e chás clandestinos são realizados sem pudor, fotos desses eventos compartilhados no WhatsApp evidenciam a arrogância e empáfia de grupos sociais que se acreditam imunes ao que acontece do lado de fora.

Incomodada com a minha bolha, fui buscar refúgio no coletivo Educação e Insubmissão, que reúne toda segunda-feira à tarde professores de todo o país para discutir educação durante a pandemia. Lá consigo me sentir gente: discute-se a segurança alimentar das crianças, não o sotaque a ser ensinado. Discutem-se a saúde mental dos professores e os desatinos dos governos e gestores que exigem preparação de aulas e desempenho escolar de professores e estudantes que não possuem nem Internet nem dispositivos que permitam dar conta das atividades remotas.

Nosso país foi tecido em cima de muita desigualdade, de muita exclusão, escancaradas com a pandemia. A exclusão digital é o menor dos problemas perto das outras exclusões às quais muitas crianças e jovens estão expostos. Quando as aulas voltarem nossas crianças e jovens precisarão de colo, muito colo, e os professores também.

É com muita dor que não modifico meu texto, é com muita dor que vejo que ele segue atual. É com muita dor que o compartilho com vocês.



Tenho recebido e compartilhado vários “memes” que falam da incompatibilidade do *home office* com o *homeschooling*. São várias as mães, eu entre elas, conhecidas e amigas, assoberbadas com o isolamento

social, tendo que dar conta das compras, comida dentro de casa, demandas do trabalho remoto, lidar com as notícias diárias de infectados e mortos e ser tutora EaD dos filhos. Ninguém estava preparado para a educação domiciliar: nem escolas, nem crianças, nem famílias.

As escolas não são mágicas para tirarem das cartolas aulas e atividades EaD para todos os anos em todas as disciplinas. As mães não são professoras *experts* em todos os conteúdos de todas as disciplinas. As crianças, também estressadas pelo isolamento, não possuem experiência com aulas EaD e não compreendem que estar em casa não significa férias. Óbvio que tem muita gente irritada, ansiosa, frustrada com a sua “incompetência pedagógica”, questionando como os conteúdos serão recuperados, discutindo a necessidade de turnos inversos para dar conta do que está “atrasado”, enviando *e-mails* e telefonemas para as escolas perguntando quais serão as estratégias de “recuperação”. A instituição onde trabalho prorrogou por mais duas semanas o isolamento. As crianças voltarão para as escolas dia 5? Dúvida no ar, talvez tenhamos mais tempo de crianças em casa.

“Que as escolas mandem na agenda o seguinte bilhete: venham com roupa que possa ser rasgada, para que possam ralar os joelhos e cotovelos de tanto rolar na terra; que tomem banho de mangueira e muito, muito sol; que façam penteados malucos; que joguem bola até caírem exaustas no chão”

Ontem, quando li um monte de mensagens angustiadas sobre as aulas EaD e o que e como deve ser recuperado, fiquei pensando o que é “atrasado” no currículo de crianças que estão fazendo 10 anos, que estão no 4º ano do Ensino Fundamental. O que é conteúdo “atrasado”

em qualquer segmento escolar? O que eu espero, quando as crianças voltem para as escolas, é que tenha uma semana “sem aula”, que elas fiquem correndo e gritando nos pátios como os hamsters do capiroto até perderem a voz! Que as escolas mandem na agenda o seguinte bilhete: venham com roupa que possa ser rasgada, para que elas possam ralar os joelhos e cotovelos de tanto rolar na terra; que comam tatu-bolinha; que tomem banho de mangueira e muito, muito sol; que façam penteados malucos; que dancem muito e joguem bola até caírem exaustas no chão.

Depois disso, gostaria que as escolas refletissem com as crianças o que significou essa experiência para elas, para as famílias. Que falem sobre resiliência, enfrentamento de frustrações, sobre solidariedade. Temos que levar alguma lição do que estamos vivendo, temos que fortalecer nossas relações como famílias e como sociedade. As escolas **precisam** falar sobre a necropolítica, que resolve quem vale a pena viver ou morrer. Não quero ver crianças confinadas, novamente, nas escolas em turno inverso para “recuperar” locuções adverbiais. Se é que elas terão que ficar no turno inverso, é para que aprendam a ser mais humanas, menos egoístas, mais sensíveis. Em vinte e poucos anos serão os amiguinhos ranhentos do meu filho que poderão estar “selecionando” os com mais de 80 anos para serem mortos, eu estarei na fila.

Uma psicóloga conhecida comentou que ninguém imagina o impacto que essa pandemia terá, em longo prazo, nas subjetividades das crianças e jovens que a estão enfrentando. Que a gente possa, agora, pensar nesses efeitos e repensar o papel da escola na volta às aulas... nesse momento, acredito, é mais importante preocupar-se com a saúde mental das crianças e jovens do que com o conteúdo a ser “vencido”. Abraços virtuais e que sigamos nos apoiando mutuamente.

Notas

- 1 **Nota do Editor.** O presente artigo foi publicado originalmente no Facebook e depois reproduzido pelo *Informativo Adusp* digital em 30/3/2020. A versão atual conta com um preâmbulo acrescentado pela professora Tatiana.
- 2 Professora do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel)